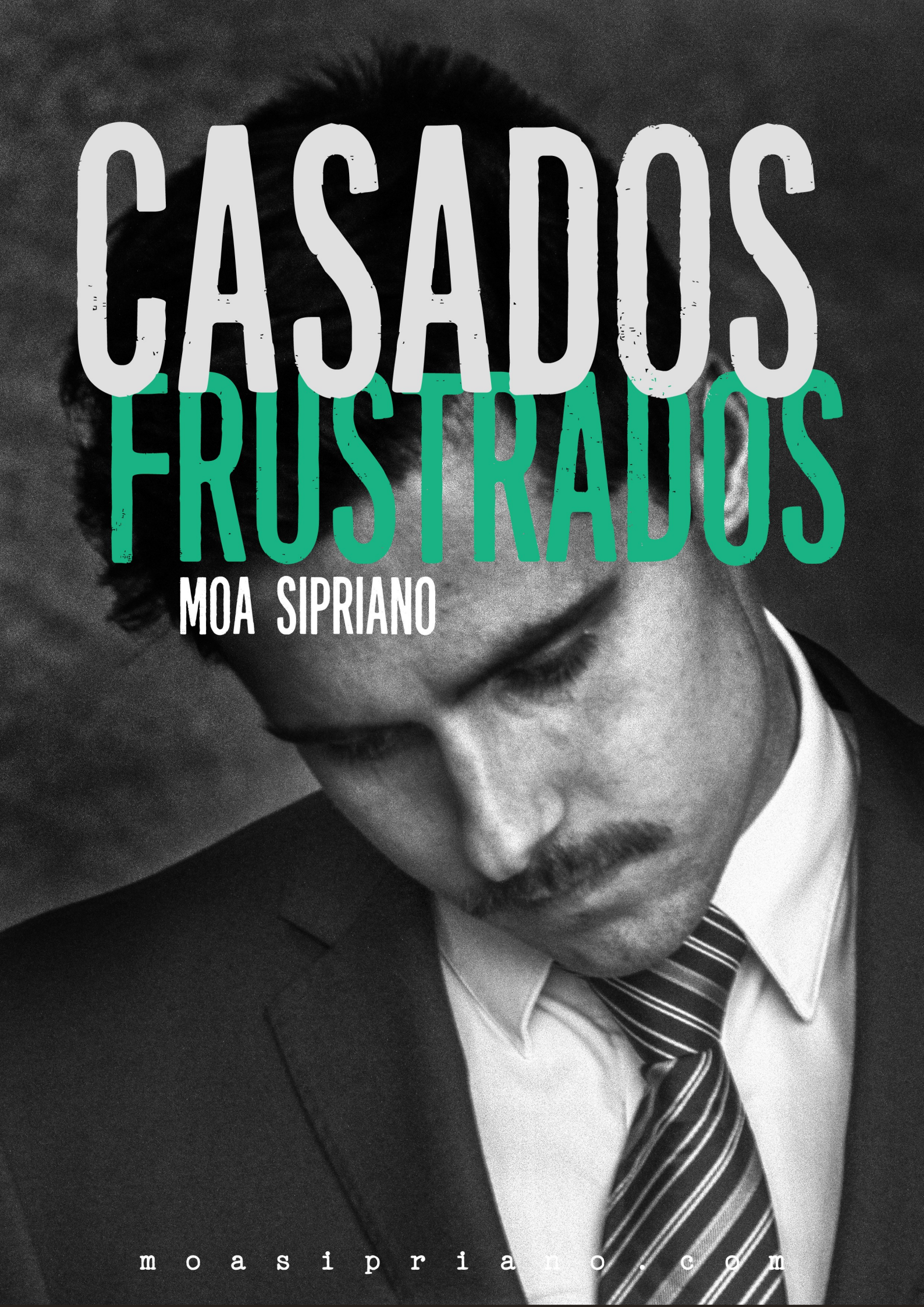
CASADOS
FRUSTRADOS
MOA SIPRIANO
moasipriano.com

CASADOS FRUSTRADOS

Moa Sipriano

Sou realizado no meu casamento.

Ou seria... na minha "parceria"?

Eu e Maria Eduarda dividimos uma existência há vinte e dois anos.

Se eu estou feliz na união? Sim, claro que sim. Não posso negar o quanto minha esposa é uma boa mulher, ótima companheira na Obra, excelente mãe, competente profissional e compreensível amiga no lado social. Nossos filhos estão encaminhados e levam suas vidas como exige o nosso contexto.

Então quer dizer que tudo é perfeito entre nós?

Não, nada atinge a perfeição no mundo dos Selvagens que se escondem atrás dos mandamentos impostos pelo livro incompleto.

Consumimos aparências. Respiramos hipocrisia.

No meu universo não há "lar ideal".

Perante nossos rebentos, pregamos as belezas da Vida, preparando-os para serem justos, honestos, felizes e realizados. Pregamos tudo o que não somos: não somos justos com nós mesmos, não somos honestos para nós mesmos, nunca somos felizes em nós mesmos.

Chega! Sem mais enrolação.

Eu me abro. Confesso. Revelo.

Eu traio minha mulher!

Não há contradição em minha confissão. Saio com outra pessoa porque, na minha intimidade, no fechar das portas e das cortinas após as orações para o Cristo, sou sumariamente ignorado pela minha companheira.

Nada é e nunca foi do jeito que eu esperava que um casal religioso devesse se portar na cama.

Ainda fazemos sexo. Uma vez por mês. Mantemos até certa regularidade no meter. Porém, nossa cama se resume a isso: meter. Meter de modo a reproduzir frustrações.

Cumprir contratos. Manter rotinas. Satisfazer apenas o (meu) corpo.

Suor trocado. Quatro minutos. Corpos exaustos. Almas distantes.

Eu gozo. Ela – raramente – goza. Ela se levanta. Corre para o segundo banheiro. Deixa as águas no máximo fervor. Ela deve entoar hinos de redenção, entre soluços. Ela demora uma eternidade para se livrar dos meus fluidos. Eu busco o copo com água fria do meu lado da cama. Dois comprimidos. Engulo dores, entre lágrimas e revolta. Viro de lado no meu lado esquerdo. Apago o âmbar. Morro para o mundo. Sonho com Guilherme.

* * *

Sim, o que alguns dizem por aí é a mais pura verdade.

Eu saio com um *homem*.

Praticamente um garoto, pois Guilherme tem dezenove, um ano a mais que Renan, meu primeiro filho.

Não pense você que me atiro nos braços do meu rapaz leite-ninho apenas para satisfazer um gozo encubado.

Guilherme tem um corpo que transpira saúde: liso, bem cuidado, cheiroso, vaidoso. E eu sou uma montanha desengonçada recoberta de pelos desalinhados, grisalho nas têmporas, peito largo em desníveis e pernas hiperfinas.

Enquanto meu atleta tem um rosto esculpido por Michelangelo, onde bochechas rosadas harmonizam com lábios amora e olhos e cabelos encaracolados que emanam um dourado impossível, meu rosto foi talhado pelo assistente do assistente de James Cameron, num protótipo recusado durante as filmagens do Exterminador do Futuro número dois.

Mas não é apenas no sexo que meu homem sabe como me satisfazer, me encantar, me proporcionar sensações que eu julgava perdidas, destruídas, liquefeitas.

Meu levantador, toda quarta-feira, é alguém que conversa comigo, que adora me ouvir, que me dá fragmentos intensos de carinho, que me faz sentir Macho: a renovação constante e necessária de confirmar o Humano pleno que há em mim.

Aos quarenta e sete, atingi um patamar da minha vida onde permaneço travado, cansado da rotina, da mesmice falsa e careta da vida de casal evangélico perfeitinho, onde cada lado mantém suas obrigações pessoais, sorrindo e ajudando o mundo a ser um lugar melhor para se viver. Porém, minha vida íntima recai num tédio profundo e o ato sexual vira uma mera obrigação forçada do relacionamento marido-mulher como prega o livro desbotado de preceitos deturpados.

Para escapar dum círculo entediante, por obra do acaso que nunca é por acaso, acabei descobrindo o apoio necessário para guarnecer minha existência de frações de felicidade no calor do abraço de um macholino!

E eu que pensava que tudo ia se resumir a um devaneio, uma simples aventura sexual sem compromisso que somente satisfaria meu improvável lado machista-dominador!

Mas o Destino é um tremendo filho de uma puta manca.

Ele jogou o atleta tesudo e maduro no meu caminho, onde aquela boca, naquela primeira tarde fria de setembro, fez maravilhas no meu caralho cansado, tímido, arredio; nós dois escondidos no vigésimo quarto daquele hotelzinho decadente, aconchegante, conveniente.

Maravilhado, descobri que não há prazer maior do que um belo meia-nove entre Pelúnicos. De pensar que aquela mesma boca me fez sentir meu próprio gosto. Imaginar que minha língua conheceu uma oponente à altura. Só de recordar o princípio de tudo já me cubro de saudades e o volume renasce sob o tecido veludo no meio das minhas coxas trêmulas.

Vou cometer erros no Excel.

Velhas fórmulas terão de ser refeitas.

O Novo me faz devanear.

Preciso terminar meu relato, postar tudo na Grande Malha, correr para o banheiro do escritório e bater uma punheta em homenagem ao meu amado.

Quantos dias ainda faltam para a próxima quarta-feira?

Quando me encontro sozinho, ainda choro ao relembrar meu primeiro beijo de verdade. Um beijo muito demorado, áspero, doce, longo, atribulado, único.

No decorrer de poucos meses, quantas delícias recém-descobertas. O beijo, o abraço, o carinho, a atenção, o fazer amor. Tudo era uma nova primeira vez.

E pela primeira vez tudo era livre, sem rotas, nem roteiros.

Nada imposto, tudo exposto. Descobri o que é Liberdade, mesmo ainda preso aos meus medos infundados.

A liberdade de um garoto cabeça-feita, assumida, revolucionou as convenções de um quarentão quadrado, sem saída, derrotado.

E o melhor ainda estava por vir.

Naquele encontro tudo aconteceu como sempre idealizei. Dois corpos suados, grudados, acarinhados, e bocas a dialogar, em sussurros ainda eróticos, e ouvidos melados a prestar atenção nas palavras, no “eu existo e estou aqui do seu lado!”, tudo sem pressa, sem nojo, sem falsidades, sem outras obrigações a não ser o aqui e agora.

Por ironia, foi com um homem que descobri o que é Afinidade. Foi com um homem que senti pela primeira vez o desejo de “estar juntos”. Foi com Guilherme que superei o vácuo da minha rotina. Nós dois criamos uma relação que vai muito além de uma simples “amizade-colorida”.

Eu fui abençoado pela Sorte.

Mesmo tendo encontrado um cara num ponto de pegação masculina cartão-postal da cidade (nos conhecemos, de passagem, na floresta urbana ao lado do grande museu de coxas vermelhas, suspenso, glorioso em sua explícita nudez de cimento rústico), um rasteiro olhar selou nossos destinos.

Jamais vou esquecer aquele olhar maroto, desafiante, enigmático, revelador, aniquilando minha hora do almoço.

Recordo que deletei todos os compromissos, formatei minha mente, instalei novo sistema operacional de códigos livres para condizer com minha nova realidade.

Apenas um "oi" emoldurado por um sorriso lindo me fez cair de quatro, encantado, confuso diante daquele Apolo ou Querubim que, seguro de si, buscou minha mão agitada, fria, gotejante; que conduziu meu corpo elétrico até um banco concreto, numa curva discreta perto do Dante, longe dos caçadores de bundas e carteiras.

O que eu fazia lá naquele dia, naquela hora, descolado completamente do meu trajeto habitual? Até hoje não sei nada de nada. Não consigo encontrar respostas para o que poderia ter me conduzido até Miss Daisy.

Agora, enquanto digito e gravo minhas peripécias (meu confessionário?), começo a rir, nervoso, indiscreto, ao relembrar as ciladas que alguns amigos, também casados, crentes, frustrados, se meteram ao buscar seus complementos trajando pintos nas abarrotadas salas de bate-papo do *uóu* ou em perfis mentirosos nos *orcutes* da vida, onde o ilusório anonimato deveria garantir o acesso a um mundo de possibilidades, de delícias virtuais jamais desmascaradas.

Nós, os Casados Frustrados, sempre gritamos no Clube dos Hipócritas que somos machos traidores orgulhosos, que não negamos a nossa raça morfética, e fazemos panca de que buscamos cus, buças e caralhos anônimos somente pelo prazer da fodaria sem sentimentos, sem compromissos, tudo devidamente desvinculado das nossas vidas perfeitas à luz da parábola no morro errante.

Mas o que poucos dentre nós têm coragem de assumir, é que no íntimo desejamos desesperadamente encontrar alguém que saiba, acima de tudo, ouvir e compreender e aceitar os nossos lamentos. Buscamos alguém que possa iluminar nossas almas atordoadas, embotadas na mentira; alguém que possa nos ajudar a espantar nossos próprios demônios.

Buscamos exatamente o que não conseguimos encontrar mais em nossas parceiras: companheirismo, atenção, carinho e – acredite – em último lugar estão alguns prazeres sexuais simples, como uma trivial "chupeta" ou a vontade de penetrar "por trás".

Até hoje fico perplexo ao saber que há mulheres que se gritam "antenadas", abertas, vividas, liberais (Maria Eduarda faz questão de posar como Super Vulva Século Vinte e Um) e na intimidade dos nossos quartos claustrofóbicos ainda se recusam a chupar o caralho ou a dar o rabo para seus próprios maridos!

Sonhar em ter meu cu lambido por ela? Nem pensar!

Que abominação, santo deus!

Oh, Guilherme. Quanta saudade das tuas línguas em ferro e fogos!

A merda desanda quando nós temos a obrigação de meter a língua em seus orifícios, deixando-as alucinadas pelo tempo que elas quiserem, e manter nossos mastros rígidos pelo tempo que elas impõem; tudo para satisfazer seus prazeres egoístas, sem nada compartilhar em boa troca.

Volto a rir, quase descambando para a histeria, pois Maria Eduarda nem para isso presta. Ela deita, eu subo sobre seu corpo, ela vira o rosto, eu cuspo e posiciono o pau, ela deixa entrar, eu subo e desço, ela olha para o âmbar cintilante no centro do abajur maternal, eu me concentro e rememoro o rabo do Guilherme, ela produz falsos gemidos, como a me dizer "goza logo, seu desgraçado!", eu entendo o sinal, ela mastiga meu pau esfolado com a sua fenda arenosa, louca para cuspi-lo o mais rápido possível, expulsando-o de seu buraco seco; eu gozo, ela faz cara de "ufa, graças a deus!", eu preciso descansar um pouco, quero respirar, ela afasta meu corpo com os cotovelos, eu me atiro para o lado, triste, exausto, ela corre para o banheiro, eu pego lentamente meu copo com água, ela se esfrega por boa meia hora, eu já degustei meus comprimidos róseos, ela some da minha consciência, eu despenco em sonhos suicidas e no meu mundo vivo a flutuar no paraíso TJ, tendo meu corpo levantado, comparado com a bola de vôlei atirada para o alto, sendo servida, cortada, arremessada com raiva e tesão para o lado de lá da quadra, aniquilando os adversários, desorientados, ao me ver quicando no chão, triunfante.

Orgulhoso, Guilherme sempre ri após o serviço bem executado. Sou sua segunda bola na hora da Grande Decisão. Ele me eleva, me posiciona, me serve, me conduz, me faz reverter resultados em pontos, em gratificantes vitórias.

Eu tive sorte de encontrar Guilherme. Que delícia de companhia abençoada!

Quando finalmente controlo meu nervosismo diante do Novo, puxamos agradável e inteligente conversa: há um desejo palpável e sincero e curioso de nos conhecermos de verdade. E no jogo do liga-pontos, as Afinidades – gêmeas afoitas – faziam festa, transformando nossa união em instantes inesquecíveis de carinhos, atenção e companheirismo.

Como eu amo essas três palavras finais que conduzem para um recomeço.

Eu me deixei seduzir por Guilherme. Ele, mesmo sabendo do meu estado, se entregou a mim-eu-mesmo sem cobranças, sem neuras, sem barreiras, sem "o que será de nós dois no dia seguinte?".

E assim, desde aquela tarde, toda quarta-feira tem sido o nosso dia de compartilhar duas horas intensas de um amor – por culpa minha! – proibido.

Guilherme, garoto-homem, um poço de carinho e surpreendente maturidade, me proporciona fugir por alguns momentos do purgatório que construí na minha vida.

Com meu atleta não me sinto Homo ou Bi. Apenas me sinto vivo!

Guilherme sabe me tocar do jeito certeiro. Inigualável toque físico, quase celestial. Toques precisos no meu espírito que vibra, arrebatado, em tamanha felicidade.

Sua língua me beija, me chupa, me lambe, me devora dum jeito simples, em movimentos simples, num trivial maravilhoso, porque naqueles lábios e no deslizar daquela boca encontro sinceridade e uma dedicação plena em vontades satisfeitas no enlace de um amor embasado na reciprocidade de sentimentos puros, honestos, edificadores.

Descobri num gay assumido o que eu não encontro em Maria Eduarda. Na companhia do meu macho feminino, delicado e viril, descobri o que é ser Completo, ser amado, ser aceito.

É pena que minha esposa não queira me surpreender com atitudes simples para o enriquecimento da nossa intimidade.

Ela sabe, mas não quer criar um clima diferenciado para o que deveria ser nosso jeito de fazer amor, aprendendo a dar e receber prazer em posições, atos e fantasias e desejos jamais tentados anteriormente.

Ela não quer redescobrir o corpo do seu companheiro. Ela nem sequer conhece o próprio corpo!

Minha esposa não aceita trilhar novos caminhos para o prazer intenso de ambos.

Não há troca de confidências e temores. Maria Eduarda não quer desfrutar de um tempo só para nós dois. Há uma barreira que nos impede o necessário diálogo franco e sem rodeios para que alicerçássemos harmonia e equilíbrio em nossa vida cotidiana.

Eu, um dia, na teoria quis sair da rotina para que a relação pudesse renovar-se a cada dia. Ela e sua maldita Palavra deturpada de um deus caricato impedem de vivermos a plenitude de uma união que deveria ser sagrada, prazerosa, feliz.

Por isso, hoje, eu me refugio no cheiro, no calor, nas carícias do meu atleta, do meu homem Humano, do meu verdadeiro companheiro.

Pouco me importa sua aprovação desta minha segunda vida e sei que não virão carícias em meus cabelos ralos oriundas do Evangélico Mundo Perfeito.

Não sei se sou covarde ou muito esperto. Ela sabe que durmo com outra (ela acha que é uma mulher), mas não quer aceitar. Ele sabe que sou um casado frustrado, e me aceita sem me julgar. Eu sei de tudo isso, mas não sei como acertar os fatos. Sinceramente, não sei se sou só covarde ou muito idiota.

Porém, não devo negar, continuo a ser um hipócrita membro honorário do Casados Frustrados Clube, andando sobre um muro de blocos rachados, tentando me equilibrar no impossível, arrastando uma vida de foscas aparências, gozando de

lascas de um amor que julgo ser real e continuo egoísta e acomodado o suficiente para não dividir na mesma proporção o que Guilherme me oferece; são fragmentos de bondade, prazer e companheirismo degustados todas as quartas, entre duas e quatro horas da tarde, no mesmo hotel discreto lá do Paraíso, debulhando minha porra e meus lamentos no corpo e paciência do meu devotado e amado jogador de vôlei...

Meu homem, meu parceiro, meu complemento...

... minha vida!

●

●

PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: Moa Sipriano

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: pixabay.com · dafont.com

SITE OFICIAL & CONTATO: moasipriano.com · escritor@moasipriano.com